

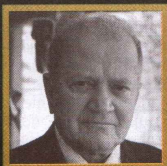
# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*

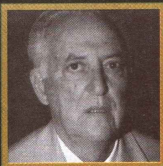


O céu de Brasília não mudou. Até hoje encanta quem chega à cidade. A visão dele, no cerrado ainda fechado, marca a lembrança e a paixão de muitos dos que aqui chegaram para construir a nova capital do país no Planalto Central. Essas recordações dos primeiros anos estão reunidas na série *Pioneiros — histórias de quem fez Brasília*, que chega ao seu oitavo fascículo.

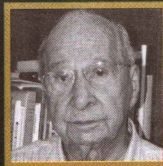
Argemiro  
Cardoso



Célio  
Menicucci



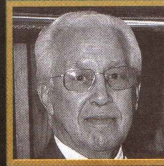
Ernesto  
Silva



José Adirson  
Vasconcelos

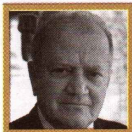


Newton  
Egydio Rossi





## PIONEIROS



Argemiro José Cardoso

# Brasília, inspiração profissional e literária

STELA MÁRIS ZICA

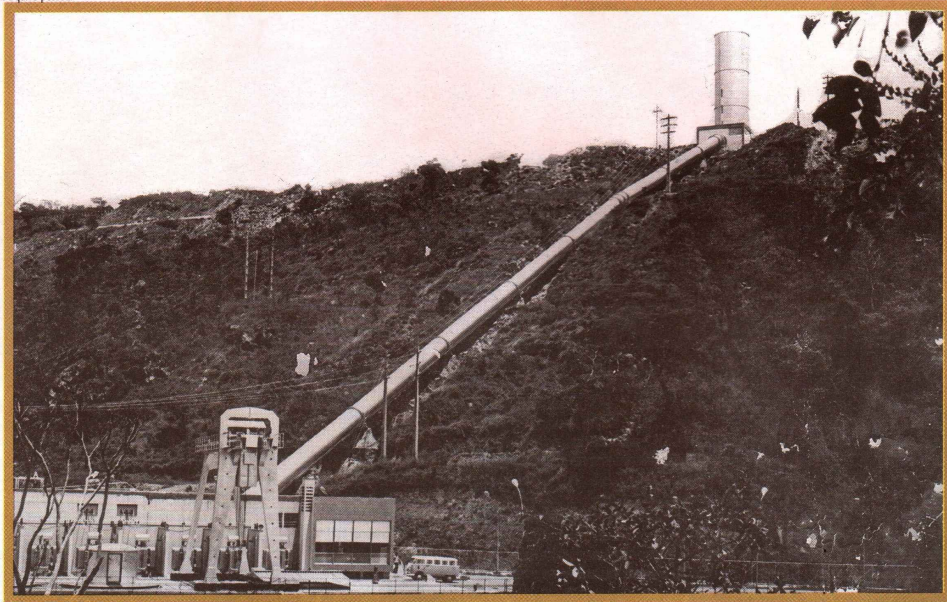
ESPECIAL PARA O CORREIO

Pouco tempo de prosa com este pioneiro é suficiente para descobrir sua paixão pela nova capital, traduzida espontaneamente em forma de poema. O poeta Argemiro José Cardoso é um apaixonado pela cidade que ele próprio ajudou a construir. Cada gesto, cada ato de bravura dos operários e de outros tantos desbravadores ficaram guardados na memória afetiva do então funcionário da Novacap, por meio de versos.

O conjunto arquitetônico da cidade, o céu de Brasília e a imensidão do horizonte são motivos de inspiração para o pioneiro e ainda o emocionam. “É o que acontece contemplar em Brasília a lua, na sua cósmica vigília”, descreve o escritor no livro *Argumentos Poéticos*.

Eclético e bastante sensível, o ex-presidente da União Brasileira de Estudantes Secundários faz questão de declarar seu entusiasmo e orgulho pela realização do grande feito que foi a construção de Brasília. “...quis o destino menino que o homem Juscelino, numa pradaria da esterilidade, criasse Brasília cidade para o umbral da eternidade e capital do Brasil.” Os olhos do escritor se enchem de lágrimas quando lem-

Arquivo pessoal



bra do esforço patriótico dos milhares de trabalhadores irmanados pelo ideal de construção da capital: “Separa as lágrimas de dor e alegria de cada operário pioneiro de Brasília nascesse uma flor no solo do cerrado, Brasília seria um imenso jardim vegetal. Não sendo isso possível, a capital fica somente como um jardim de flores sociais, os seus seres humanos, enfeitando o Planalto com seus exemplos e esforços na busca de dias melhores”. A poesia de Argemiro ganhou

inspiração com a definição das obras arquitetônicas e o estilo moderno e arrojado do traçado da capital. Já o entusiasmo e a bravura, ele carrega desde os primórdios da década de 60, quando deixou Goiânia para tentar a sorte na capital federal. “Assim como muitos pioneiros, larguei tudo — o conforto do lar, a boa oratória e a vida social — certo de que aqui eu poderia encontrar-me com o destino”, declara o pioneiro que chegou a Brasília em 1959. Com os cursos

de eletrônica, telecomunicações e eletrotécnica no currículo, aos poucos ele ia adquirindo conhecimentos para ingressar na faculdade de Engenharia Elétrica, um grande sonho a ser realizado anos depois.

Convidado naquele mesmo ano por um engenheiro do Departamento de Águas e Esgoto da Novacap para ser fiscal de montagem eletromecânica na construção da Adutora do Torto, Argemiro integrou a equipe que enviou a primeira gota de água para

**NA ADUTORA DO TORTO, ARGEMIRO FOI O FISCAL DE MONTAGEM ELETROMECÂNICA DO SISTEMA**

abastecer a nova capital.

Depois de prestar alguns serviços técnicos para empresas privadas, Argemiro era reconhecido pelo trabalho exemplar e dedicação. Tais virtudes levariam



## PIONEIROS

*Técnico na área elétrica, ele chegou à nova capital e integrou a equipe que fez jorrar as primeiras gotas de água nas torneiras do Distrito Federal*

ARGEMIRO COM O FILHO FERNANDO AUGUSTO E A NORA DANIELA



o ex-funcionário da Centrais Elétricas de Goiás (Celg) a trabalhar no Departamento de Força e Luz de Brasília, atual CEB. Fez viagens ao Canadá, Estados Unidos e Itália, estagiando em fábricas e obras da Pirelli — fornecedora exclusiva de cabos subterrâneos de alta-tensão para o Brasil. “O material para a construção da rede elétrica de Brasília vinha da fábrica de São Paulo em supercarretas”, lembra o desbravador.

A experiência e os conhecimentos adquiridos no exterior o levaram a ocupar o posto mais alto do Serviço de Rede Subterrânea de Alta Tensão. Além de transmitir as novas tecnologias de emendas de cabos subterrâneos e subaquáticos aos empreiteiros em Brasília, ele ainda fiscalizava a instalação da rede elétrica.

### Racionamento

O pioneiro da eletrificação ficou conhecido em toda a cidade por seus atos de coragem. Era Argemiro — na ocasião chefe de Despacho de Carga Elétrica da CEB — que interrompia o fornecimento de luz das residências. “Tudo era feito por motivo de racionamento”, garante o engenheiro, que chegou a desligar a luz das residências da Vila Planalto, Sobradinho, Gama, Taguatinga, Núcleo Bandeirante e Candangolândia. “Só deixava as luzes do Plano Piloto, de alguns hospitais e as do Exército”, acrescenta.

Nessa época, a energia que abastecia a cidade de Brasília era insuficiente e vinha da usina do Paranoá, da Celg — vendida pelo governo de Goiás —, de duas usinas térmicas e de algumas unidades móveis. O jeito então era racionalizar energia.

Como em Brasília não existia

ainda o curso de Engenharia Elétrica, o técnico electricista encontrou nas cadeiras de Física e Matemática da UnB alguns conhecimentos até ingressar na faculdade de seus sonhos. A grande oportunidade surgiu com a Revolução, quando a Universidade de Brasília sofreu uma evasão de estudantes e professores. Convidado a ocupar o cargo de assessor de gabinete do reitor Laerte Ramos de Carvalho, Argemiro conseguiu um convênio com a PUC-Rio para transferir os estudantes para que lá concluíssem os seus cursos, interrompidos no início do regime militar.

Após o grande feito, Argemiro foi convidado pelo reitor da PUC a fazer o tão sonhado curso de Engenharia. “No último ano da faculdade, o novo reitor da UnB cortou a minha bolsa. Sem dinheiro para continuar os estudos e pagar o aluguel, fiquei na rua”, lembra o estudante, que foi

ajudado pelo reitor da PUC-RJ que o isentou da anuidade e o contratou como professor daquela universidade, pela qual foi diplomado em Engenharia Elétrica. Faltando apenas doze dias para concluir o curso, o reitor da UnB, José Carlos de Almeida Azevedo, o convidou para ministrar aulas no curso de Engenharia da Universidade de Brasília, o que fez entre 1968 e 1996, até se aposentar.

Amigo incondicional de Tancredo Neves — o conheceu quando era senador, num jantar no Hotel Nacional —, ele ainda guarda boas recordações do mineiro que gostava de economizar nas palavras, mas “era um bom ouvinte e exercia uma atenção fabulosa para com seu interlocutor”, lembra Argemiro.

Companheiro de aventura do eterno Bernardo Sayão, nas estradas lamacentas do Planalto, o agora consultor técnico do Con-

“  
ASSIM COMO  
MUITOS  
PIONEIROS,  
LARGUEI TUDO —  
O CONFORTO DO  
LAR, A BOA  
ORATÓRIA E A  
VIDA SOCIAL —  
CERTO DE QUE  
AQUI EU PODERIA  
ENCONTRAR MEU  
DESTINO”

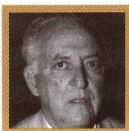
fea também apertou a mão de Juscelino como líder estudantil e como operário.

Hoje, o pioneiro é recordista americano de disciplinas lecionadas por um professor, na área de tecnologia. Autor de centenas de projetos de engenharia e de 29 livros sobre tecnologia, biologia, sociologia, poesia e filosofia, o titular nº 1 da Academia de Letras de Brasília consegue mesclar a engenharia e a poesia fazendo destas instrumentos de trabalho e inspiração para a vida. Como descreve no poema sobre a Ponte JK: “na madrugada, durante o silêncio da concha acústica do nada, a brisa leve que franze as águas do lago, ao vibrar os tirantes, estará entoando uma canção, não para os ouvidos humanos, mas que o tempo sempre compõe para a sua mãe eternidade. É o que ocorre em Brasília quando a engenharia se irmana à poesia.”

## Raio X

Nome: Argemiro José Cardoso  
Idade: 65 anos  
Origem: Goiandira, Goiás  
Ano de chegada a Brasília: 1959  
Estado Civil: divorciado  
Profissão: Escritor, empresário, engenheiro e professor da UnB  
Filhos: Cláudia, Fernando Augusto, Octávio Augusto e Carolina (todos nascidos em Brasília)  
Netos: Otto Cristian, Luíza Mercedes e Thales Luis (filhos de Cláudia), Guilherme e Bernardo (filhos de Fernando)





Célio Menicucci

# Um início de escassez e aprendizado

Reprodução do livro *História de Brasília*



**NO INÍCIO, O EXERCÍCIO DA MEDICINA EM BRASÍLIA ERA MARCADO PELA FORÇA DE VONTADE E DEDICAÇÃO. FOI EM UM BARRACO DE MADEIRA, CONSTRUÍDO NO ACAMPAMENTO DA NOVACAP, QUE FUNCIONOU O PRIMEIRO NÚCLEO DE SAÚDE DO CERRADO**

VINICIUS NADER  
ESPECIAL PARA O CORREIO

O dia 7 de setembro de 1958 representou muito mais do que um simples feriado de independência do Brasil para o recém-formado médico Célio Menicucci. Era o dia em que ele, aos 26 anos de idade, também conquistava a sua independência. Foi exatamente nessa data que esse clínico geral e reumatologista chegava a Brasília vindo de seu estado natal, Minas Gerais, onde nasceu na cidade de Lavras. Ou pelo menos chegava ao que iria se chamar Brasília dali a cerca de dois anos.

Dois trabalhosos e também proveitosos anos, como lembra Menicucci. “A fase de antes da inauguração da cidade foi marcada por muito trabalho, muita precariedade e muito doente para pouco médico”, conta. Mas também havia muito aprendizado para os doutores que se aventuraram no Planalto Central. “Foi uma das fases em que mais aprendi em minha profissão. Acabávamos sendo um pouco de tudo. Minha especialidade era clínica geral e reumatologia, mas fiz partos, tratei de outras doenças e fiz até pequenas cirurgias”, conta o médico, que atendia no hospital do IAPI, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários.

As lembranças que Célio tem daquela época retratam bem a precariedade e a força de vontade que marcaram o início de Brasília. “Era praticamente uma medicina de guerra. Os candangos caíam quase que diariamente da estrutura metálica onde estava

sendo construído o Senado Federal e sempre se machucavam muito”, relata. Isso sem falar nos muitos queimados que eram atendidos por Menicucci. “Como as casas da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) eram de madeira, elas pegavam fogo muito rápido

e as pessoas não tinham muita instrução. O número de queimados era muito grande”, lembra o médico, acrescentando que do hospital podia-se ver a fumaça dos incêndios. “Aí agíamos como brigada de bombeiros e íamos todos para o hospital esperar os

pacientes”, diz, sempre ressaltando também o lado de aprendizado de tanta polivalência. Nem mesmo no dia da inauguração da cidade, Menicucci teve sossego. “Estava de plantão e atendia uma paciente tuberculosa na hora em que estouravam os fogos de artifício em comemoração à criação de Brasília. Mas não me chateei, não. Afinal eu era um dos únicos solteiros — atualmente separado, Célio Menicucci foi casado durante onze anos com Maria Geralda — e alguém tinha que estar de plantão naquela noite”, afirma resignado.

O aprendizado da medicina era refletido na vida também. Este último proporcionado pela tão falada miscigenação que havia na nova capital federal. As culturas se misturavam e um acabava aprendendo os costumes dos outros. Tudo sempre com muito respeito. Célio se lembra, por exemplo, de quando aprendeu um costume nordestino de comemorar a chegada de um filho. “Quando fui visitar uma paciente que tinha tido o parto ajudado por mim, ela insistia para que eu bebesse o mijo da criança. Assustado, resisti o quanto pude até perceber que aquela expressão significava apenas beber uma cachaca ou uma bebida para comemorar”, conta aos risos. De qualquer forma, a bebida não ficou para uma outra ocasião, pois



## PIONEIROS

*O médico viu no trabalho em Brasília a oportunidade de aprender e exercitar sua profissão, além de ficar mais perto da família, que morava em Goiânia*

HOJE, CÉLIO NEM  
PENSA EM SAIR DA  
CIDADE EM QUE  
CRIOU OS FILHOS E  
VÊ OS NETOS  
CRESCEREM



o médico estava a trabalho. A diferença de culturas também fez com que Célio adaptasse o seu consultório, colocando um esparadrapo na porta, pois as pessoas não conseguiam girar o tipo de maçaneta usada nas construções de Brasília.

### Especialização

Depois da inauguração, as coisas melhoraram para o lado dos médicos da cidade. O primeiro hospital distrital de Brasília — o projeto original previa mais 10 além de um hospital de base — era inaugurado, tendo Menicucci como um de seus fundadores. Atualmente, é o Hospital de Base de Brasília. “Com a inauguração do Hospital Distrital tudo ficou mais fácil. Vieram profissionais gabaritados de outros estados e o maquinário era de última geração”, conta o médico, desmentindo aquela maldosa brincadeira de que os melhores hospitais da capital eram as companhias aéreas. Para não ficar para trás no meio de tantas feras em sua profissão, Célio Menicucci tratou logo de fazer uma especialização em reumatologia em Londres, Inglaterra. O reconhecimento veio em tantos cargos de chefia mercadamente ocupados por Menicucci e pela nomeação para Secretário de Saúde do governo de Ronaldo Costa Couto, entre outras coisas. Incansável, o médico está na ativa até hoje e ocupa a Secretaria do Serviço Médico no Supremo Tribunal Federal.

“**COMO AS CASAS DA CIDADE LIVRE ERAM DE MADEIRA, ELAS PEGAVAM FOGO MUITO RÁPIDO E AS PESSOAS NÃO TINHAM MUITA INSTRUÇÃO, O NÚMERO DE QUEIMADOS ERA MUITO GRANDE**”

Mineiro de Lavras, Célio Menicucci veio parar no Planalto Central meio que por obstinação. “Querida mudar minha vida, fazer uma revolução mesmo, aprender minha profissão e ficar mais perto da minha família, que morava em Goiânia. Isso sem falar no salário. Aqui era três vezes maior do que o de Belo Horizonte”, conta o médico, que viu na oportunidade de vir para Brasília uma possibilidade de juntar todas essas coisas. Para conseguir atingir o objetivo, ele foi ao chefe-de-gabinete de Juscelino Kubitschek para ver se havia vagas para a clínica geral em algum hospital da cidade. A vaga foi conseguida e Menicucci se tornou o 12º médico do AIPI. Mas ainda não havia sido dessa vez que as relações entre o médico e o presidente estariam mais estreitas.

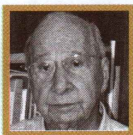
Na verdade, essa amizade só surgiu no Natal de 1960, quando na noite do dia 24 de dezembro o plantonista Célio Menicucci re-

cebeu um telefonema do próprio Juscelino lhe pedindo para que atendesse seu cunhado, o deputado Gabriel Rossi, que estava com uma crise de vesícula. Depois de uma cirurgia — feita no Rio de Janeiro — a amizade entre os dois estava consolidada. Isso apesar de Menicucci não ter dado muito crédito às promessas do presidente. “Confesso que não acreditava que Brasília seria construída a tempo de JK cumprir sua promessa de inaugurar a cidade em 1960”, diz Menicucci, lembrando-se de um amigo engenheiro que trabalhava todos os turnos possíveis sem parar um momento para entregar as obras a tempo. Elas foram entregues no prazo previsto, Juscelino concretizou suas palavras de que iria inaugurar Brasília naquela data e Menicucci aqui está até hoje. Nem pensa em sair daqui, cidade onde criou seus três filhos e que ele viu crescer. “Brasília é hoje minha cidade mãe”, finaliza.

## Raio X

**Nome:**  
Célio Menicucci  
**Idade:**  
72 anos  
**Origem:**  
Lavras, Minas Gerais  
**Profissão:**  
Médico clínico geral e reumatologista  
**Esposa:**  
separado de Maria Geralda  
**Filhos:**  
Fernando Menicucci Neto, Denise Menicucci e Simone Menicucci  
**Netos:**  
Caroline, Jacqueline, Rafael, Renan, Fernando e Thiago.  
**Ano que chegou a Brasília:**  
1958





Ernesto Silva

# O pioneiro dos pioneiros

STELA MÁRIS ZICA

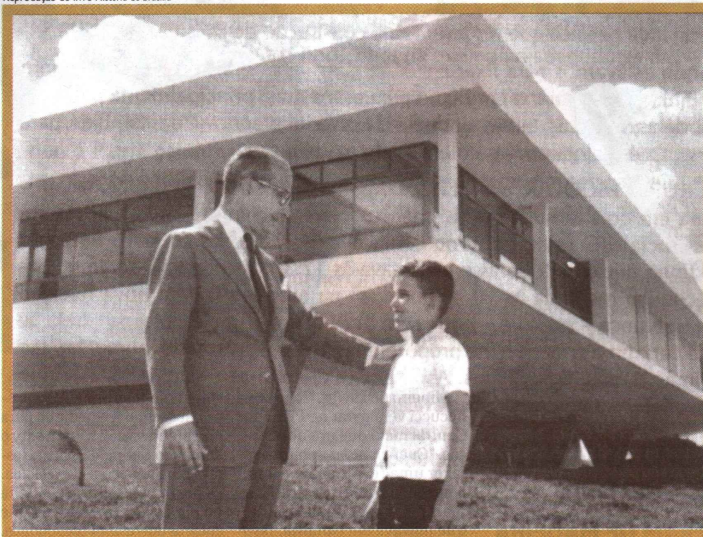
ESPECIAL PARA O CORREIO

Ele é a própria definição da palavra, como já dizia o amigo Juscelino Kubitschek, “o pioneiro é influenciado pela atração da terra. Descobre e fica. É um símbolo que se projeta através de um ânimo de permanência. E do seu rastro, que por um tempo foi efêmero, brotam valores duradouros”.

Ernesto Silva, ex-oficial do Exército, é o pioneiro dos pioneiros que no ano de 1955, a bordo de um *Beechcraft* da Força Aérea Brasileira desembarcou na solidão do Planalto Central, na cidade de Planaltina, ao lado dos marchais José Pessoa e Mário Travassos, para fazer a vistoria de um dos sítios onde seria construída a nova capital. De Planaltina, na presença das autoridades e dos olhares curiosos de estudantes e professores, subiram num jepe e embrenharam cerrado adentro pela precária estrada que levava a Luziânia.

No meio do caminho, alcançaram o ponto mais alto do sítio Castanho — como fora denominado um dos cinco sítios candidatos à sede da capital federal e onde atualmente se encontra o erguido o Cruzeiro. “Aqui é a verdadeira pedra fundamental de Brasília”, afirmou o visitante. A emoção tomou conta da comitiva, que dali avistara um azul ja-

Reprodução do livro *História de Brasília*



mais visto e um horizonte infinito. A sensação de insignificância só não era maior que a “amplidão do céu azul do planalto fascinante”. “O marechal não pôde conter a admiração e não acreditava haver outro local tão adequado e belo para a construção da capital”, acrescenta.

Para a alegria de Ernesto Silva, então secretário da Comissão de Localização da Nova Capital do Brasil, dois meses depois o local era escolhido como o melhor para a construção da cidade. Isso depois da análise rigorosa de uma série de critérios como o clima, a topografia, a disponibilidade de água, a paisagem atraente,

a facilidade de acesso, a existência de materiais de construção, a facilidade de desapropriação, dentre outros.

A mudança do pioneiro para a região, um ano depois, em 1956, fez acelerar o processo de construção da cidade. Morando no Catetinho, Ernesto foi nomeado por Juscelino presidente da Comissão de Planejamento da Construção e Mudança da Capital. Após deixar o cargo de secretário da Comissão de Localização, ele providenciou o lançamento do edital do concurso do Plano Piloto em setembro do mesmo ano.

A abertura das 26 propostas

com a escolha do júri pelo projeto de Lucio Costa — considerado o único plano para uma capital administrativa do Brasil — e o convite ao pioneiro para presidir a Novacap foram o pontapé inicial para a empreitada, quando então “as máquinas começaram a rasgar o Plano Piloto”. Era o início da grande epopéia.

## Lembranças

O médico pediatra, formado pela Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, era também fiel companheiro do presidente Juscelino. Como único “conhecedor dos segredos da região e dos trabalhos já elaborados”, acompanhou JK e

A ligação de Ernesto Silva com Brasília desembarcou no Planalto Central para

ERNESTO EM FRENTE À PRIMEIRA ESCOLA-PARQUE DA 307/308, INAUGURADA EM 21 DE ABRIL DE 1960

uma comitiva — formada por Bernardo Sayão, José Ludovico, João Milton Prates e Lúcio Meira — em sua primeira visita a Brasília em outubro de 1956, quando aproveitaram para dar uma esticadinha até uma tapera próxima ao Catetinho. “Lá tomamos um cafezinho cercados de leitões e galinhas”, recorda com alegria. A fazenda, localizada no Gama, ainda continua de pé e “é mais histórica que o próprio Catetinho”.

Para desembarcar na cidade, o presidente utilizou a pista do aeroporto provisório — construído pelo governo de Goiás —, onde hoje está a rodoferrviária. “Ao lado da pista funcionava a estação de passageiros, uma casinha de sapé, onde os visitantes passavam assim que desembarcavam”, lembra o médico morador do Riacho Fundo.

Logo na chegada, os visitantes podiam avistar, do alto, em letras graúdas, o nome da futura capital, Vera Cruz. Escrito numa espécie de mármore, em alto-relevo, o nome foi uma sugestão do marechal Pessoa através de um ofício ao presidente da República. Para o oficial, o nome fazia jus ao passado colonial brasileiro.

Apesar de passar boa parte do tempo ao lado de Juscelino, o ex-presidente da Novacap ressalta que o contato entre eles era “apenas profissional”, de muito respeito e admiração. “Sou muito agra-



a data da escolha do local onde seria construída a nova capital. Em 1955, ele  
para conhecer os sítios mais adequados para a construção e influenciou nesta escolha

**ERNESTO E SÔNIA SE  
ORGULHAM DA  
CIDADE QUE  
AJUDARAM A  
CONSTRUIR**



decido a ele por ter me confiado a administração da construção da cidade”, declara o carioca de origem humilde. “O destino foi muito generoso comigo”, acrescenta.

Sempre bem humorado, Ernesto, hoje com 89 anos, guarda boas lembranças do início da construção de Brasília e alguns fatos cômicos que faz questão de lembrar. Segundo ele, parecia sempre muita gente para pedir trabalho na Novacap, quando num desses dias apareceu um rapaz oferecendo seus serviços. “Perguntamos o que ele sabia fazer, ele respondeu. Entendemos que ele era topógrafo e entregamos a ele um teodolito — instrumento de medição. No outro dia, recebemos uma reclamação de que ele não conseguia fazer o serviço. Então pedimos que se comprecesse ao meu escritório”, lembra o funcionário da Novacap. Foi então que Ernesto questionou a afirmação do rapaz de que era bom de serviço. “Só aí descobrimos que na verdade ele era um tipógrafo e não um topógrafo”, recorda desconcertado o pioneiro.

#### Educação

Responsável pelo departamento social da Novacap, Ernesto sempre defendeu a idéia de um sistema de ensino de vanguarda para uma cidade também moderna. Para isso, encomendou ao “papa da educação no Brasil” — o educador Anísio Teixeira — um projeto de educação em tempo integral. “Do cérebro de Anísio e da pena de Lucio Costa, fomos localizando no mapa de Brasília os jardins de infância, as escolas-classe, as escolas-parque...”, lembra o desbravador.

De acordo com o plano, em cada superquadra haveria uma escola-classe, onde seriam ministradas as disciplinas normais, e a cada quatro superquadras haveria uma escola-parque — voltada para a profissionalização do aluno, com objetivo de despertar a vocação de cada um. “Os alunos estudavam em uma escola pela manhã e em outra à tarde, dessa forma não havia possibilidade de desvirtuar a criança”, garante. “Nessa época não existia nenhuma criança fora da escola”.

Para o médico, a saúde também deveria acompanhar o ritmo de crescimento da cidade. Preocupado com o conforto e a comodidade da população, Ernesto introduziu um plano de saúde público para valorizar os profissionais — ele queria que o médico não fosse apenas um funcionário público — com um salário fixo e outro pró-lábor, cujos rendimentos eram de acordo com o número de consultas. Além disso, trabalhavam em tempo integral.

“**DO CÉREBRO DE ANÍSIO (TEIXEIRA) E DA PENA DE LUCIO COSTA, ÍAMOS LOCALIZANDO NO MAPA DE BRASÍLIA OS JARDINS DE INFÂNCIA, AS ESCOLAS-CLASSE, AS ESCOLAS-PARQUE...**”

Para melhorar a qualidade do atendimento nos hospitais, Ernesto adotou o sistema descentralizado, com um centro de saúde para cada 40 mil habitantes, onde seriam realizadas as consultas simples. Pelo projeto, para os casos mais graves os pacientes deveriam procurar um hospital distrital ou ainda o hospital de base para os casos de extrema urgência.

As quatro décadas de trabalho ininterrupto não foram capazes de “sossegar” o pioneiro, que hoje ainda faz questão de agendar compromissos onde defende e propõe melhorias para a cidade, uma mudança aqui e outra ali em defesa do patrimônio de Brasília.

No apartamento da 105 Sul, onde mora com a esposa Sônia, o autor de *História de Brasília e O Militante da Esperança* — que deverá ser lançado no próximo ano —, observa constrangido da janela a *invasão* das placas publicitárias e as mudanças das características originais do local.

## Raio X

**Nome:** Ernesto Silva  
**Idade:** 89 anos  
**Origem:** Rio de Janeiro  
**Ano de chegada a Brasília:** 1955 (escolha do local)  
**1956 (com JK)**  
**Profissão:** Médico  
**Esposa:** Sônia Silveira  
**Título:** Diretor da Novacap de 1956 a 1961



## PIONEIROS



José Adirson de Vasconcelos

# Contador das histórias da nova capital

Arquivo pessoal



STELA MÁRIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

A cidade de Brasília ainda nem existia e já despertava a paixão e a curiosidade do jovem repórter José Adirson de Vasconcelos, do *Correio do Povo*, de Recife. Nascido na pequena Santana do Acaraú, no Ceará, Adirson de Vasconcelos — como é conhecido — foi cedo para o Rio de Janeiro trabalhar como correspondente do jornal numa época em que as notícias sobre a construção da nova capital ganhavam as manchetes dos principais jornais do país.

Foi numa dessas reportagens que o apologista de Brasília, como era chamado pelo amigo e educador Gilberto Freyre, depa-rou com o inusitado e a sua grande paixão. Escalado para cobrir a primeira missa na capital federal, o jornalista desembarcava em Brasília na tarde do dia 2 de maio de 1957, um dia antes do acontecimento, após uma longa e cansativa viagem. “Safos do Rio de avião para Goiânia, onde embarcamos em uma jardineira rumo à cidade, lembra o visitante, que chegou a dormir no ônibus depois de procurar exaustivamente por um hotel. A Cidade Livre (Núcleo Bandeirante) estava cheia e o único hotel — o Hotel Souza — estava lotado de gente que tinha vindo para assistir a missa. De-

pois de muita insistência, a única coisa que conseguiu foi uma lata para improvisar um banheiro lá mesmo no hotel.

Sem muitos recursos, a cidade devia ter apenas uns 30 barracos pelas contas do repórter, que buscava ansiosamente por uma cantina onde pudesse saciar a fome. Uma lâmparina acesa num quiosque ao longe dava sinal de que lá poderiam encontrar comida. “Não tivemos sorte. Só tinha

pão seco e cerveja quente. Nem ao menos um guaraná”, recorda o correspondente.

A visão esplendorosa do céu da cidade ao amanhecer compensou os transtornos e o desconforto da chegada. “Até então, jamais tinha visto um céu daquele e o horizonte que despontava em minha frente”, recorda Adirson. Com uma máquina fotográfica e um gravador, o repórter rumou para o

cruzeiro, onde seria celebrada a missa campal, para testemunhar e registrar o batismo espiritual da cidade. “A movimentação no céu e no solo denunciava a importância do acontecimento. Milhares de engenheiros,romeiros, estudantes uniformizados, visitantes vindos da Cidade Livre, dos acampamentos das obras e até índios carajás iam chegando com seus jepes, jardineiras e caminhões em direção

EM VISITA AO CORREIO  
BRAZILIENSE,  
JUSCELINO SENTOU NA  
CADEIRA QUE ERA  
OCUPADA POR ADIRSON

ao altar coberto por um toldo de lona improvisado para a celebração da missa.”

“Na presença de Juscelino Kubitschek, Bernardo Sayão, Israel Pinheiro e de mais de 10 mil pessoas, o cardeal D. Carlos Carmelo



## PIONEIROS

*O jornalista cearense chegou para cobrir a primeira missa da nova capital em 1957 e se apaixonou pelo céu e pelo empreendedorismo reinante na cidade naquela época*

**O JORNALISTA E POETA COM A FAMÍLIA NO LOCAL ONDE FEZ SUA PRIMEIRA MATÉRIA NA CAPITAL FEDERAL**



Motta anunciava a importância de Brasília como sendo o mais formidável impulso unificador e civilizador do Brasil”, descreve o escritor no livro *A Epopéia da Construção de Brasília*. A emoção foi tamanha que, em meio aos flashes, o jornalista acabou esquecendo a mala com seus pertences dentro de um dos caminhões que transportava o pessoal.

Além da primeira missa, o repórter cobriu outros grandes fatos históricos na nova capital como a inauguração do Palácio da Alvorada, em 1958, do Brasília Palace Hotel e a primeira cumeieira da 108 Sul, onde estavam sendo construídos os prédios do Instituto dos Aposentados e Pensionistas Bancários — IAPB.

As idas e vindas a Brasília eram cada vez mais constantes. “A cada viagem eu me empolgava ao ver de perto todo aquele entusiasmo, vibração e o idealismo do povo sob a liderança de JK”, declarou o visitante, que com o tempo teve de abandonar os hotéis do Núcleo Bandeirante para se instalar definitivamente na capital. Sua primeira residência foi na 412 Sul, onde conseguiu um apartamento por influência de um amigo deputado. “Tudo era muito curioso, vários contrêrneos saíram do Ceará, onde trabalhavam com a enxada, para construir verdadeiros palácios aqui”, conta com orgulho.

A agilidade e o faro jornalístico do então repórter da Agência Meridional o levaram à inauguração do maior jornal da capital em abril de 1960: o *Correio Brasileiro*, onde Adirson Vasconcelos trabalhou como repórter e chefe de redação. “Era muito pouca gente para cobrir tantos acontecimentos”, lembra o, na

época, novo morador. Foi lá que o pioneiro teve a honra de receber em sua mesa de trabalho o presidente Juscelino e a esposa, Sara Kubitschek.

A amizade e o carinho entre o presidente e o jornalista atravessaram o oceano. Unindo o útil ao agradável, Adirson seguiu para Paris no ano de 1964 — onde JK se encontrava exilado, para conhecer o Louvre e aproveitar para fazer uma visita ao amigo. “Como sabia que ele tinha uma vida difícil, levei alguns dólares, umas xícaras e o saboroso café do Brasil”, conta o historiador, emocionado com a atitude do ex-presidente, que chegou a levá-lo ao museu dirigindo um modesto Simca.

“Ele deu umas voltas nas ruas de Paris por mais de uma hora me mostrando tudo”, relata a experiência inesquecível. Adirson conta ainda que depois ele seguiria para uma reunião com um grupo de industriais italianos que desejavam investir na América Latina. Ele defendia que o investimento viesse para o Brasil.

#### O ideal

Para o estudioso de Brasília, o ideal de construção da nova capital data dos tempos do Brasil Colônia. Segundo o historiador, o Marquês de Pombal, a Corte Portuguesa e o aféres Tiradentes já sonhavam com a interiorização da capital. “Encontramos

“**ATÉ ENTÃO, JAMAIS TINHA VISTO UM CÉU DAQUELE E O HORIZONTE QUE DESPONTAVA EM MINHA FRENTE**”

depoimentos que levam a afirmar ter sido Tiradentes o primeiro a pensar no Movimento Mudancista, isto é, o de interiorizar a capital, transportando-o do litoral para uma região do centro do país”, garante o jornalista, que chegou a “bisbilhotar os arquivos do escritório da Novacap na Rua Almirante Barroso, no Rio de Janeiro”, para mandar as notícias mais quentes sobre a construção de Brasília para o jornal do Recife. Conta o escritor que os nomes “Brasília” e “Petrópolis” também chegaram a ser cogitados por José Bonifácio já naquela época.

O ideal de mudança da capital também foi tema do poema *Exaltação a Brasília*, que Adirson escreveu em homenagem à cidade que ele escolheu para sua nova morada. “E da Colônia à República, foste sonho e ideal de tantos. Juscelino te fez real pelas mãos pioneiras, candangas.”

Os vários anos de estudo sobre a nova capital resultaram na publicação de mais de 20 livros, escritos por este jornalista candango, de 68 anos, como *Memorial Juscelino Kubitschek*, *A Mudança da Capital*, *O Homem e a Cidade* e *Os Pioneiros da Construção de Brasília*, onde o autor registra os fatos mais importantes da construção da cidade — a sua verdadeira paixão.

## Raio X

**Nome:** José Adirson de Vasconcelos  
**Idade:** 68 anos  
**Origem:** Santana de Acarátia, Ceará  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957  
**Profissão:** Jornalista e escritor  
**Estatu civil:** divorciado  
**Filhos:** Lúcia, Rui, Cláudia, Marcelo, Adirson, Juscelino e Martha  
**Netos:** Paola e Bruno



## PIONEIROS



Newton Egydio Rossi

# Verdadeira adoração por JK e por Brasília

Arquivo pessoal



YINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Não assisti ao primeiro réveillon de Brasília por uma questão de cinco minutos”. A afirmação é do pioneiro Newton Egydio Rossi, 76 anos, que chegou a Brasília no quinto minuto de 1960. E que ninguém pense que entrar o ano em plena estrada por causa de um carro enguiçado desanimou esse mineiro de Ouro Fino. “Quando chegamos aqui, a decepção por ter perdido o réveillon na cidade em construção passou. Fomos direto dar uma volta por Brasília e quando chegamos à Esplanada dos Ministérios não tivemos dúvida: ajoelhamos e beijamos o chão dessa terra maravilhosa”, conta um emocionado Newton Rossi, que se lembra da surpresa que ele e seus amigos tiveram ao constatar que na madrugada do primeiro dia do ano havia barulho de máquinas trabalhando na cidade.

A emoção, aliás, permeia toda conversa que Rossi tem sobre Brasília. “Essa cidade me orgulha. É uma filha caçula de todos os mineiros”, afirma esse pai de três filhos — dois deles nascidos aqui — e avô de três netos. Mas a emoção fica maior ainda quando as recordações são acerca de um grande amigo, quase irmão. Estamos falando de Juscelino Kubitschek, o presidente que ousou trazer para o Planalto Central a capital do país. “Nos conhecemos quando comecei a fazer campan-

ha política a favor de JK ao governo de Minas Gerais”, conta Newton, que acabou sendo o responsável pelo *jingle* dessa campanha em plenos anos 50. “Fui o autor da *Canção da Vitória*, a primeira música com letra usada em campanhas políticas no Brasil”, orgulha-se Newton, ressaltando que a canção foi realmente da vitória, pois Juscelino foi eleito governador de Minas Gerais. O prêmio por tanta dedicação veio de uma maneira um

tanto inesperada para o jovem compositor. “Confesso que esperava uma secretaria ou uma chefia de gabinete, mas Juscelino me delegou a tarefa de dirigir a rádio e o jornal que ele mantinha em Diamantina”, conta aos risos. A tarefa foi cumprida com louvor e afinco, sinal que a parceria dos dois estava apenas começando.

Ainda na campanha presidencial, Newton Rossi foi um dos responsáveis pela vitória de Juscelino. “A oposição inventou de últi-

ma hora uma cédula de votação desvantajosa para os analfabetos, eleitores de JK em sua maioria. Tivemos que, às pressas, criar cédulas explicativas com desenhos de mãos mostrando onde o eleitor deveria marcar seu voto”, diz o aposentado. Quando JK foi eleito presidente, a Newton coube ficar no Palácio do Catete e, no último ano de governo, no Palácio do Planalto, sendo o responsável pelo atendimento aos parlamentares e aos institutos. A pasta em que

**COM O FIM DO GOVERNO JK, NEWTON FOI PARA A INICIATIVA PRIVADA. ABRIU A CIBRAL, SEGUNDA LOJA DE ELETRODOMÉSTICOS DA CIDADE**

guardava os documentos que despachava com Juscelino todos os dias ainda existe e está guardada, como uma relíquia, com Newton.



## PIONEIROS

*Responsável pelo jingle da campanha de JK ao governo de Minas, Newton acabou ficando amigo do futuro presidente e depois da vitória trabalhou nos palácios do Catete e do Planalto*

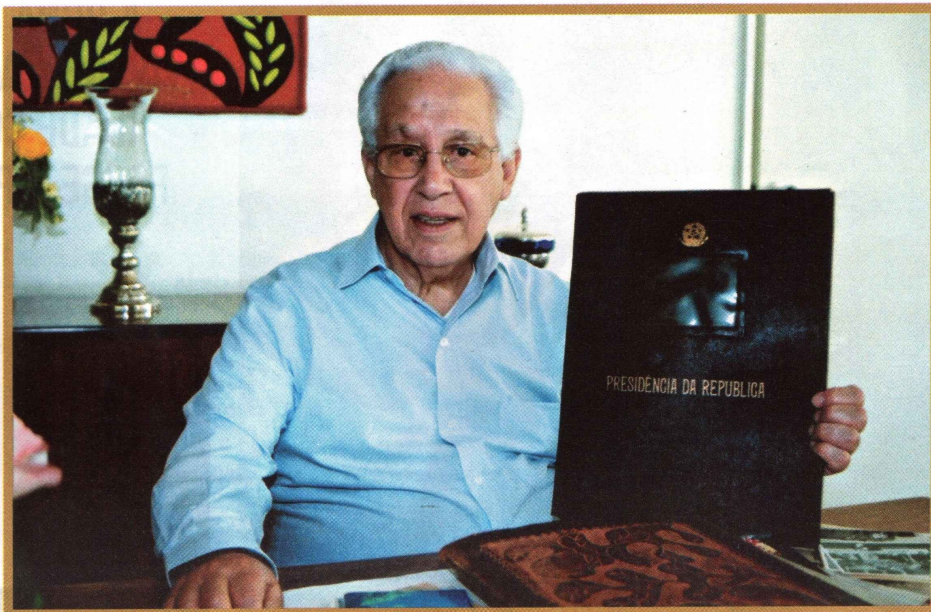
**NEWTON TEM, ATÉ HOJE, A PASTA ONDE GUARDAVA OS DOCUMENTOS QUE DESPACHAVA COM JUSCELINO**

Ele também era um dos 18 responsáveis por escrever os discursos de JK, mas o escritor conta que "Juscelino lia antes o nosso discurso e se iluminava para falar de improviso nas ocasiões".

A amizade dos dois foi posta em xeque algumas vezes. Talvez na mais contundente delas, nem mesmo Newton achou que ia se livrar. "O governo de JK havia terminado e quem era juscelinista estava sendo convidado a depor no SNI (Serviço Nacional de Informação). Fiz o de praxe: me despedi da família e compareci ao depoimento", afirma. Perguntado várias vezes se era amigo de Juscelino, Newton fez questão de em cada uma delas reafirmar seu apreço e admiração pelo fundador de Brasília. O resultado é que ele foi liberado e prontamente convidado a participar de expedições internacionais de outros governos, mesmo sendo eles de oposição a JK. "Ficaram impressionados com minha honestidade e minha lealdade", orgulha-se.

Em várias dessas viagens, Newton fazia discursos e conquistava platéias com seu jeito apaixonado de falar. Foi dessa maneira e, claro, com boas idéias que ele se tornou o primeiro — e até agora único — brasileiro a ter o título de Senador Honorário dos EUA pelo estado de Louisiana. Só para citar mais uma condecoração recebida por este pioneiro, ele é um dos três brasileiros que receberam a medalha do mérito espanhol.

Terminado o governo de Juscelino Kubitschek e tendo sido eleito o candidato da oposição, Jânio Quadros, Newton se viu entre a cruz e a espada. "Sabia que não havia mais lugar para mim no governo e eu me via apaixonado pela cidade. Não sairia daqui por nada", lembra. O jeito foi arregaçar as mangas e ir à lu-



“**QUANDO CHEGAMOS À ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS NÃO TIVEMOS DÚVIDA: AJOELHAMOS E BEIJAMOS O CHÃO DESSA TERRA MARAVILHOSA**”

ta. Dessa forma, Newton inaugurou a Cibral, a segunda loja de eletrodomésticos da cidade, que funcionou durante dez anos na W3 Sul. Só que Newton não sabia ainda de uma coisa: o mero pretexto para continuar na cidade por quem ele era — ainda é — apaixonado virou assunto sério. "Logo depois da Cibral, me vi fundando a Associação do Comércio do DF e, um pouco depois, a Federação do Comércio do DF, que presidi por 25 anos", conta. Como presidente da Fecomércio, Newton fez "as relações comerciais da cidade avançarem tanto para o lado do empregado" e teve uma batalha durante 11 anos para trazer do Rio de Janeiro para a nova capital do país a sede do Tribunal Superior do Trabalho. Quando ele conseguiu, lhe foi oferecida uma vaga de juiz, prontamente negada. "Não achava justo, lá parecer que minha luta era mais por vai-

da do que por idealismo", argumenta. Somente anos mais tarde, Newton Rossi ocupou durante dois anos a vaga de ministro clausista do TST.

Mais de 40 anos depois, a dúvida de 1960 virou uma certeza. "Fiz a escolha certa ao não sair daqui e faria essa escolha de novo se me fosse dada oportunidade. Brasília é um projeto que deu certo", afirma, mais uma vez, sem esconder a emoção, esse senhor que chegou ainda jovem a Brasília e viu toda uma geração da cidade nascer. "A juventude de Brasília me orgulha muito. São jovens que, por causa da miscigenação de cidades e países encontrada aqui, crescem de uma maneira arrojada, com um raciocínio mais rápido e com muita certeza de seus ideais". A frase de um dos fundadores do Clube de Pioneiros de Brasília, naturalmente, é dita com lágrimas nos olhos. Lágrimas de felicidade e orgulho.

## Raio X

**Nome:** Newton Egídio Rossi  
**Idade:** 76 anos  
**Origem:** Ouro Fino, Minas Gerais  
**Profissão:** aposentado  
**Esposa:** Ninon Rossi  
**Filhos:** Wagner, Márcia e Gleno  
**Netos:** Felipe, Rafael e Priscila  
**Ano que chegou a Brasília:** 1960

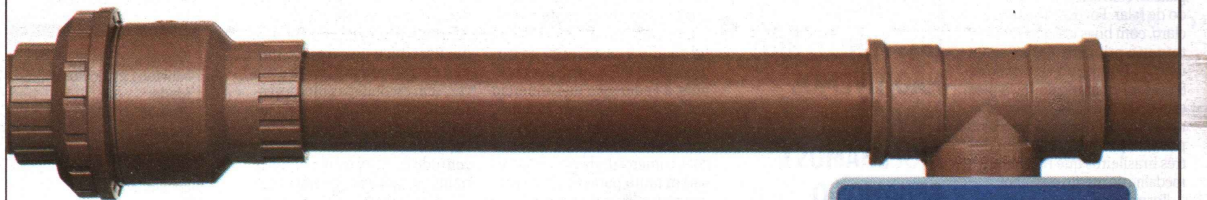
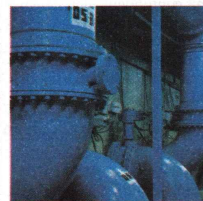




**SAÚDE PARA O  
SEU SEBASTIÃO E  
A DONA IDALINA  
VIVEREM A TERCEIRA  
IDADE COMO SE  
FOSSE A PRIMEIRA.**

**ESTAÇÕES DE  
TRATAMENTO.**

MAIS SAÚDE PARA O  
DISTRITO FEDERAL COM  
100% DO ESGOTO TRATADO.



O Sebastião é casado com a Idalina há 37 anos. Durante todo esse tempo eles sempre tiveram uma vida simples, com poucos bens, mas muita saúde. Aliás, em se tratando de saúde, esses dois vão continuar fortes por muito tempo. É que o Distrito Federal está prestes a se tornar a primeira unidade da Federação com 100% do esgoto tratado, após a conclusão das **Estações de Tratamento do Melchior e do Gama**, que

estarão entre as mais modernas do mundo, com avançado padrão tecnológico. As obras, que vão beneficiar diretamente cerca de 1,2 milhão de moradores de Taguatinga, Ceilândia, expansão de Samambaia e Gama, também vão recuperar muitos mananciais e garantir a qualidade da água do lago de Corumbá IV. O Sebastião e a Idalina é que estão felizes com isso. Afinal, eles sabem muito bem como é importante ter qualidade de vida.

**GDF**  
GOVERNO DO DISTRITO FEDERAL